



# INFORMATIVO DE MERCADO

FEVEREIRO/25



**Aumento de tarifas do governo Trump, nos EUA; Piora nos núcleos de inflação no governo brasileiro e política monetária ainda restrita, foram os destaques no mês de fevereiro.**

## MERCADO LOCAL E INTERNACIONAL

No Brasil, os preços de ativos seguiram se beneficiando, ainda em que em menor magnitude, do ambiente global mais propenso à tomada de risco. A queda da popularidade do presidente Lula, apontada por diversas pesquisas de opinião, resultou no surgimento de algumas estratégias de reação do governo. Além da tentativa de melhorar a comunicação, foram apresentadas novas medidas de estímulo à economia, como um novo saque do FGTS e medidas para ampliar o crédito consignado de trabalhadores do setor privado.

**Juros e Inflação** Em relação à política monetária, os membros do COPOM têm dado sinais de que o ciclo de aperto monetário se aproxima do fim, ainda que as expectativas de inflação continuem em deterioração. O Banco Central deverá entregar a última alta de 100bp de juros, em março, elevando a taxa SELIC para 14,25% e sinalizar algum ajuste de menor magnitude, à frente. Essa estratégia torna improvável a convergência da inflação para a meta no horizonte relevante e aumenta a incerteza sobre a condução da política monetária. A inflação segue muito elevada – o ritmo anualizado do núcleo da inflação está próximo a 7%. Ainda que as expectativas de inflação tenham continuado a subir, o retorno da taxa de câmbio ao patamar de 5,80 deve evitar nova aceleração das expectativas, no curto prazo.

Nos Estados Unidos, as tarifas de importação sobre todos os produtos chineses foram elevadas em 20%, enquanto as tarifas de

25% sobre produtos do México e do Canadá estão em negociação. Esse aumento deve ser interpretado como um choque de oferta adverso, aumentando tanto os riscos de desaceleração econômica quanto de inflação. No âmbito da política externa, Trump posicionou-se contra a Ucrânia, retirando o apoio ao país e se aproximando da Rússia. A reação dos países europeus foi imediata: liderados pela Alemanha, indicaram que continuarão a apoiar a Ucrânia e que promoverão uma grande expansão fiscal, com investimentos prioritários no setor de defesa.

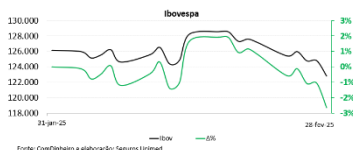
Na Europa, a atividade econômica segue evoluindo sem grande dinamismo, com leituras consistentes com um crescimento levemente positivo no primeiro trimestre. A inflação veio um pouco acima do consenso de mercado, mas em linha com as projeções do Banco BCE.

Na China, foram apresentadas medidas para estimular o crescimento, ainda que pouco detalhadas. No encontro anual do Congresso Nacional do Povo, o governo revisou para baixo sua meta de inflação para 2% neste ano, com uma meta de crescimento ao redor de 5%. Ainda, apresentaram uma política fiscal mais ativa, com déficit fiscal em torno de 4% do PIB e ampliação das emissões soberanas. O mais importante agora é acompanhar os detalhes dos tão aguardados estímulos fiscais para impulsionar o consumo doméstico, diante dos desafios estruturais já conhecidos e que se somam à crescente tensão comercial com os EUA.

**O que olhar em março: Implementação das tarifas da nova administração nos EUA; Reunião do COPOM e FED.**

## BRASIL | Bolsa

O Ibovespa encerrou o mês de fevereiro com uma queda de 2,64%, atingindo os 122.700 pontos. O Ibovespa é uma carteira teórica de ações negociada na Bolsa de Valores (B3), é o principal indicador de desempenho dos investimentos das ações negociadas no Brasil.



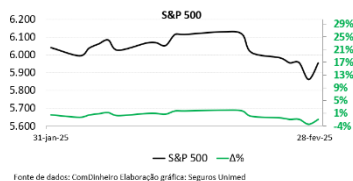
## BRASIL | Câmbio

A PTAX encerrou o mês aos 5,84, uma queda de 0,32% em relação ao fechamento de dezembro.



## S&P | Internacional

O S&P 500 (índice de bolsa americana) encerrou janeiro aos 5.954 pontos. No mês, o índice teve uma queda de 1,40%. O índice S&P 500 é um dos maiores indicadores do desempenho das ações negociadas nos EUA.





Se é Unimed,  
é seguro.